



Orçamento. Existente desde 2008, benefício remunerou 23 mil servidores em R\$ 2 mil em 2013; bônus é concedido de acordo com desempenho da instituição em rankings internacionais, avaliações de pós-graduações e metas internas. Sindicato vê sucateamento

Crise financeira faz USP suspender pagamento de prêmio por excelência

Victor Vieira

ESTADÃO
edu

Em grave crise financeira, a Universidade de São Paulo (USP) não vai pagar o prêmio por excelência acadêmica aos professores e funcionários. O benefício, que existe desde 2008, é dado anualmente, de acordo com o desempenho da instituição em rankings estrangeiros, avaliações nacionais das pós-graduações e metas internas. Desde 2010, será a primeira vez que as categorias não receberão o prêmio.

A USP confirmou que, para este ano, "não há disponibilidade orçamentária para a despesa". Com isso, o desempenho da universidade nos últimos rankings e avaliações teve peso menor na decisão da reitoria sobre a concessão do prêmio.

O pagamento do benefício de 2013 foi anunciado na reta final do processo de escolha para reitor. Os opositores de João Grandino Rodas, dirigente à época, disseram que a medida era eleitoreira e favorecia o candidato da situação. Naquele momento, a USP já gastava praticamente toda a receita com salários e havia caído em parte dos rankings internacionais. Ao Estado, Rodas defendeu que o prêmio foi dado após "comissões acadêmica e financeira terem verificado e atestado a existência dos pressupostos acadêmicos e financeiros, fixados na portaria que criou tal prêmio". Ele argumenta que, ao fim da gestão, ainda restaram na reserva da USP R\$ 2 bilhões para pagamentos a médio prazo



NELTON FUKUDA/ESTADÃO 21/10/2014

Gastos. Em 2013, prêmio foi anunciado no fim do processo de escolha da reitoria; USP já extrapolava receita com salários

e R\$ 1 bilhão livre para gastos.

O valor depositado para cada um dos 23 mil servidores – 17,5 mil funcionários e 5,5 mil docentes – em 2013 foi de R\$ 2 mil, um terço do prêmio dado no ano anterior (R\$ 6 mil). O benefício consumiu aproximadamente R\$ 45 milhões dos cofres da USP entre dezembro e janeiro, quando assumiu o atual reitor, Marco Antonio Zago.

Pelo gasto extra com o prêmio, o uso das receitas com salários na USP em janeiro atingiu 112,7%, maior valor registrado desde o começo do ano. O elevado comprometimento dos repasses do Tesouro estadual com a folha de pagamento é a principal causa do colapso financeiro da USP, que se arrasta desde 2013. Todos os meses, a USP recorre às reservas financeiras para pagar salários.

Em 2010, última vez em que o prêmio não havia sido pago, a comissão da reitoria responsável pelo bônus entendeu que não havia ocorrido evolução positiva nos rankings. A decisão desagradou aos sindicatos. O cenário crítico já motivou outras ações impopulares da reitoria em 2014. Zago congelou obras e contratações, além de formular um programa de demissões voluntárias, que prevê a aposentadoria antecipada de cerca de 1,7 mil funcionários. Ele também planeja passar dois

hospitais universitários à Secretaria Estadual de Saúde. Em maio, os reitores das três estaduais congelaram os salários de docentes e técnico-administrativos. Após greve de quase quatro meses das categorias, no entanto, eles recuaram e ofereceram reajuste de 5,2%, o que cobriu as perdas com a inflação no último ano. A reitoria informou que não estuda a extinção definitiva do prêmio.

Descontentamento. Ainda não anunciado oficialmente pelo

reitor, o cancelamento do prêmio deve frustrar as expectativas de vários servidores. Para parte da categoria, a complementação de renda propiciada pelo bônus anual tem impacto bastante significativo.

Magno de Carvalho, do Sindicato dos Trabalhadores da USP, classifica a medida como outro indicio de sucateamento. "O prêmio é para aumentar a qualidade. Como melhorar com corte de verbas, contratações congeladas e demissão de funcionários?" Ele diz que a prioridade é negociar benefícios fixos, como de alimentação, e condições de trabalho, como segurança no câmpus.

A Associação dos Docentes da USP se opõe à gratificação acadêmica. "Se há dinheiro para o prêmio, deve ser incorporado diretamente aos salários", defende César Minto, um dos diretores da entidade.

Revisão de modelo. Para o ex-reitor da USP Roberto Lobo, o prêmio é positivo, mas carece de maior regulamentação. "Se a USP não tem metas claras, a avaliação sobre o prêmio é casuística", diz. "A deliberação sobre isso é feita de modo autônomo, até autoritário, pela reitoria."

Nas instituições estrangeiras de ensino superior, segundo Lobo, são mais comuns prêmios específicos para um departamento ou faculdade. Na USP, o bônus é global, para todos os docentes e funcionários.



NA WEB Portal. Veja outras notícias sobre educação

estadao.com.br/educacao

PONTOS-CHAVE

Para aliviar caixa, reitoria sugeriu PDV e saída do HU

● **A crise**
Desde o ano passado, a Universidade de São Paulo (USP) gasta mais com a folha de pagamento do que sua receita mensal, o que exige o uso do fundo de reserva.



● **Solução e greve**
A reitoria defendeu congelamento de salários, o que motivou uma greve de 114 dias, uma das maiores da história – que acabou com a concessão de aumento.



● **Hospitais**
Para aliviar o caixa, a reitoria ainda sugeriu um plano de demissão voluntária (já aprovado) e a transferência de hospitais para a gestão estadual.

Déficit ao fim do ano deve chegar a R\$ 1,25 bi

A Universidade de São Paulo (USP) terminará o ano com déficit de R\$ 1,25 bilhão, de acordo com as últimas estimativas feitas pela reitoria. Apesar da crise nas três estaduais paulistas, a USP será a única que fechará o ano no vermelho. No orçamento aprovado em

fevereiro, a administração estimava gastar R\$ 574 milhões das reservas para pagar salários e bancar outros custos de manutenção. O valor de déficit atualizado já é 117% mais alto do que o inicialmente previsto.

A baixa arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mer-

cadorias e Serviços (ICMS) influenciou o cenário mais pessimista. A USP recebe cerca de 5,03% do que o Estado recolhe desse imposto, mas o tímido desempenho da economia prejudicou os repasses nos últimos meses. A reitoria também aponta o reajuste salarial de docentes e

funcionários como outra causa da piora nas contas.

Nas reservas financeiras da USP, atualmente usada para bancar parte das remunerações, deve sobrar R\$ 1,53 bilhão ao fim deste ano, segundo prognósticos da administração. Em junho de 2012, havia R\$ 3,61 bilhões.

O atual reitor, Marco Antonio Zago, atribui o descontrole financeiro às contratações e ao plano de carreira para servidores aprovado na gestão passada. João Grandino Rodas, o dirigente anterior, afirma que havia disponibilidade orçamentária para as medidas à época.

Pelo equilíbrio. Embora em situação menos apertada que a USP, a Universidade Estadual

de Campinas (Unicamp) e a Universidade Estadual Paulista (Unesp) também gastam quase todas as receitas com a folha. As duas instituições não prevêm, contudo, déficit para este ano.

USP, Unicamp e Unesp votarão seus orçamentos entre outubro e dezembro em seus conselhos universitários, órgãos máximos de cada instituição. Outras medidas para frear despesas serão discutidas. **/v.v.**